

A (DES) CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE HETERONORMATIVA E A CONSTRUÇÃO DAS NOVAS MASCULINIDADES EM VOLTA REDONDA (2013-2020)

Júlia Heloíza dos Santos¹

Yuri Ernesto de Almeida Gaia²

Irene Rodrigues de Oliveira³

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar que a masculinidade sofreu transformações impulsionadas por inúmeros fatores (entre eles a pós-modernidade), obrigando as pessoas a procurarem alternativas para as suas vidas. Desta forma, o cuidado do corpo tornou-se um imperativo, uma nova forma de trabalho, interferindo sobremaneira no conceito de masculinidade, de homem dominante, ativo e forte. Essa noção de masculinidade heteronormativa foi se perdendo e possibilitando o surgimento de novas masculinidades. Utilizando entrevistas com homossexuais, em Volta Redonda, que se identificaram com a sigla LGBTQIA+, na faixa etária entre os 18 e 50 anos, coletou-se informações importantes e necessárias para a legitimação da História Oral. As fontes documentais serviram de suporte para a consolidação do debate teórico. Utilizando o conceito de Dispositivo da Sexualidade, Foucault fornece o tripé de sustentação para a pesquisa. Embora o assunto não seja novo, a discussão avança no sentido de aguçar novas percepções.

Palavras-chave: Masculinidades. Autocuidado. Dispositivo da Sexualidade.

THE (DES) CONSTRUCTION OF HETERONORMATIVE MASCULINITY AND THE CONSTRUCTION OF NEW MASCULINITIES IN VOLTA REDONDA (2013-2020)

¹Graduada em História pelo UGB/FERP.

²Graduado em História pelo UGB/FERP.

³Mestra em História Social do Trabalho pela USS.

Abstract

The work aims to demonstrate that masculinity was proposed to increase and then force the factors-modernity, people to seek alternatives as their lives. In this way, the care of the body has become an imperative, a new way of working, interfering greatly with the concept of masculinity, of a dominant, active and strong man. This notion of heteronormative masculinity was more masculinity and will increase the power of masculinity change. Using interviews with homosexuals in Volta Redonda, who identify with LGBTQIA+, in the age group between 18 and 50 years old, important and important information was collected for the legitimation of Oral History. Documentary sources served as support for the consolidation of the theoretical debate. Using the concept of the Device of Sexuality, Foucault offers a sustaining journey for the research. Although the subject is not new, moving forward in the sense of sharpening new discussions.

Keywords: Masculinities. Self care. Device of Sexuality.

Introdução

A modernidade foi um momento histórico marcado pela busca da verdade, dos valores científicos, das metanarrativas e da noção de progresso. No decorrer dos anos de 1950, surgiu o conceito de pós-modernidade mais voltado para o aspecto cultural e estético, quando passou a ser considerado como uma nova condição histórica, com novos paradigmas, novas teorias e novas metodologias.

No final da década de 1970 e, principalmente durante a década de 1980, entraram em cena os que defendiam a sociedade pós-industrial, caracterizada pelo fim do trabalho, ou melhor, pelo fim da centralidade do trabalho. Nesse tipo de sociedade, a evolução tecnológica levou o homem a buscar novas alternativas de vida; a fluidez das relações econômicas e sociais tornou-se um modo de viver. A terceirização do trabalho, o crescimento das empresas transnacionais, a desregulamentação das leis trabalhistas levou ao enfraquecimento do sindicalismo e das exigências dos trabalhadores. A sociedade do trabalho foi dando lugar à sociedade do ócio, voluntário ou não.

Dessa forma, a condição pós-moderna abriu espaços para as incertezas universais, para as descontinuidades e as rupturas da modernidade. Na sociedade pós-moderna, nada é evidente. O referente, o fenômeno e o signo deixam de ser

dados fixos, realidade objetiva de que partem as representações, para serem revelados como produto de invenção social e linguística (ALBUQUERQUE-JR, 2007, p.59).

O que podemos depreender é que essa realidade criou brechas para a desconstrução da masculinidade e forjou a construção de novos padrões de homem. Novos mecanismos foram criados na área de serviços, incentivando o “cuidado de si” como alternativa ou como superação para o trabalho formal. A diversão se confundiu com o trabalho de objetificação dos corpos e o esvaziamento do ser.

[...] a modernidade trouxera a vontade de saber, a vontade da verdade, que os fazia nomadizar entre um saber e outro, uma especialidade e outra, uma identidade e outra, descobrindo, com dor e dilaceramento, o caráter relativo dos saberes e as incertezas da ciência, nós, hoje, temos que conviver, não apenas com a relatividade dos discursos, com a relatividade do saber histórico, mas com a relatividade da própria realidade. (ALBUQUERQUE-JR, 2007, p. 55)

Na pós-modernidade, as pessoas são tão mutáveis quanto os valores e desejos dos indivíduos, pois como os valores mudam a todo o momento, os papéis sociais estão sempre sendo repensados e redesenhados, escolhidos e/ou descartados, diferentemente de períodos históricos anteriores.

A sociedade pós-moderna rompeu com os padrões modernos modificou-se, transformou-se e aceitou novas identidades, já que criou nos sujeitos desejo de ter, de obter, de consumir em função do lucro e da ampliação de mercados. Tal momento histórico propôs a derrubada das certezas universais, culminando em transformações no modo de ser e de viver dos sujeitos (BONÁCIO, 2012, p. 232).

O Pós-Modernismo colaborou para a procura do melhor, do perfeito, do desejo, o consumismo tornou-se uma necessidade. “Atualmente a pretensa felicidade está na posse de determinados objetos de desejo, tais como carros, casas, bens de consumo em geral; em ter um estilo de vida moderno e luxuoso e um corpo bonito. Enfim, a felicidade encontra-se em consumir” (BONÁCIO, 2012, p. 235).

A identidade masculina foi atingida pela pós-modernidade, principalmente porque as “atribuições sociais de homens e mulheres foram mantidas durante séculos, mas só começaram a entrar em uma discussão mais fervorosa com os movimentos feministas em meados do século XX, quando as mulheres começaram a lutar pela igualdade entre os sexos”. As mulheres ingressaram na vida pública, rompendo com a cultura machista e patriarcal, ocupando espaços “tanto nos campos social, político e econômico quanto no pensamento”, que até então eram destinados somente aos homens. Assim, diante das conquistas femininas, o sujeito masculino foi chamado a se posicionar, mas, ao perder sua identidade sólida, ele sentiu-se perdido (BONÁCIO, 2012, p. 237-239).

Por uma historicidade homossexual

Desde a antiguidade clássica ocidental, a prática sexual entre os homens esteve presente na cultura dos gregos e dos romanos. Os espartanos eram guerreiros natos e, apesar de serem treinados para lutar desde pequenos, valorizavam a relação entre dois homens o que representava motivo de fortalecimento e prestígio social. Para os atenienses, as mulheres, os escravos e os estrangeiros não tinham destaque na sociedade, eram vistos como inferiores e, por isso, não eram considerados cidadãos. A prática sexual mais comum entre homens em Atenas era motivo de orgulho, principalmente quando os jovens (eromenos) entre 12 a 18 anos eram escolhidos por homens mais velhos (erastes) para serem educados, e conseqüentemente estabeleciam relações homoeróticas, a pederastia. “Portanto, no mundo antigo, a homossexualidade era vista como uma necessidade natural, considerada um ‘verdadeiro privilégio dos bem-nascidos’. Já a heterossexualidade, não recebia tanta importância, uma vez que estava somente associada à procriação” (DIETER, 2012, p. 2).

Em Roma o ato sexual entre homens era um ato de virilidade, os romanos se orgulhavam disso, e a sociedade não tinha preconceitos, contudo “pelo fato de a

sexualidade estar relacionada ao poder de dominação, só poderiam se relacionar com escravos, sendo proibido relacionarem-se com meninos livres” (DIETER, 2012, p. 3). Havia restrições na sociedade e, se os homens considerados cidadãos fossem os passivos da relação, perderiam o prestígio.

No século XVII entra em cena, o capitalismo. Para o sistema econômico a competição era necessária entre os homens. “Dessa forma, o amor entre pessoas do mesmo sexo passou a incomodar o sistema capitalista, tendo em vista que os homossexuais não poderiam gerar descendentes, isto é, não teriam como gerar mais consumidores” (DIETER, 2012, p. 5).

A palavra homossexualismo só vai aparecer no século XIX. Nesse período, os homens que se relacionam com homens deixam de ser tratados como pecadores, e são transformados em “casos patológicos”. A medicina se esforçou em retratar os homossexuais como doentes e esses indivíduos estavam relacionados à “imoralidade, promiscuidade e infelicidade”. [...] “Diferentes caminhos de cura eram apontados e recomendados, tais como: hipnose, ginástica, vida ao ar livre, castidade, bem como a procura de prostitutas” (REINKE, 2017, p. 283).

A Constituição de 1988 estabeleceu que a dignidade e liberdade humana devem ser prelevadas. “É imprescindível que seja reconhecida a dignidade humana nas relações homoafetivas, caso contrário, haverá distinção entre os cidadãos em razão de sua orientação sexual, sendo que essa faz parte da personalidade da pessoa, pertencendo à sua intimidade” (DIETER, 2012, p.9).

Foucault define a repressão na História da Sexualidade

O discurso sobre a repressão do sexo coincidiu com o desenvolvimento do capitalismo, justamente por ser incompatível com uma colocação no trabalho. “Quando se explora a força de trabalho, não se pode permitir que ela pudesse se dissipar através dos prazeres” (FOUCAULT, 1993, p. 11).

O Estado deveria saber o que se passava com o sexo dos cidadãos e o uso que dele faziam e, também, que cada um fosse capaz de controlar sua prática. E a atenção em torno da sexualidade foi ordenada em função de reproduzir a força de trabalho, ou seja, proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora (FOUCAULT, 1993, p. 29).

Dessa forma, Foucault criou o conceito de dispositivo da sexualidade (uma estratégia de controle para o disciplinamento dos corpos). Sua função era configurar corpos e fabricar populações, para dominá-los (FOUCAULT, 1993, p. 98-104). No primeiro momento, eram formas de exame de consciência obrigatórias aos indivíduos para que confessassem as verdades de si. Todos esses procedimentos, pelos quais incitavam o sujeito a produzir um discurso de verdade sobre a sua sexualidade, produziram efeitos sobre o próprio sujeito (FOUCAULT, 1993, p. 109).

No segundo momento, o dispositivo da sexualidade foi utilizado no âmbito do trabalho. Foucault mostrou que o controle sexual era feito, inicialmente, na classe burguesa que via no sexo a forma de se afirmar enquanto uma classe distinta. Numa relação autoritária, utilizavam o sexo para a manutenção da relação patriarcal. O sexo continuava a ser praticado para a procriação. E é por esse motivo que a sexualidade demorava a ser reconhecida nas classes populares (FOUCAULT, 1993, p. 113-8).

Outro tipo de poder foi identificado pelo autor, como o poder sobre a vida com valor diferenciado no sistema capitalista (biopolítica). O controle era realizado através do desprezo das vidas, que justificava a atuação das forças que sustentavam os processos econômicos, bem como a sua segregação (FOUCAULT, 1993, p. 130). A norma é tanto aquilo que se pode aplicar a um corpo que se deseja disciplinar como a uma população que se deseja regulamentar (FOUCAULT, 1993, p. 131-2).

O biopoder foi primordial para o desenvolvimento do capitalismo, que só se estabeleceu com a inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e ainda, pela adequação dos fenômenos que surgiram na nova ideia de população aos processos econômicos (FOUCAULT, 1993, p. 138-144).

O desejo do sexo funcionou como uma dominação que aprisionava o dispositivo da sexualidade, que constituíam como sujeitos ao biopoder (FOUCAULT, 1993, p. 144-7).

História Oral: uma opção de metodologia

A questão aqui colocada aqui consiste em definir quais são os caminhos que devem ser seguidos, qual é o status da história oral, uma vez que existem três concepções que buscam definição: se a história oral é uma técnica, se é uma disciplina ou se é uma metodologia.

Os pesquisadores que utilizam a história oral como técnica, geralmente estão interessados nas experiências com gravações, transcrições e conservação de entrevistas, ou seja, com o aparato que a cerca. São pessoas envolvidas na constituição e conservação de acervos orais. Para esses estudiosos, a história oral não passa de um conjunto de procedimentos técnicos (FERREIRA; AMADO, 2002, p. xii).

Os historiadores, que defendem que a história oral é uma disciplina, partem da ideia de que ela é um conjunto de técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos. Portanto, pensar a história oral dissociada da teoria, é o mesmo que conceber qualquer tipo de história como um conjunto de técnicas, incapaz de refletir sobre si mesma (FERREIRA; AMADO, 2002, p. xiii). A aproximação com outras disciplinas sociais sugere que a pesquisa da história oral possa trabalhar com abordagens culturais, além da pesquisa das mentalidades. Sendo assim, a interdisciplinaridade é um dos pilares da história oral, colaborando para reflexões mais complexas e constantes dos indivíduos sociais.

Com uma visão diferente, Paul Veyne entende que a história não se encaixa nos moldes metodológicos de uma ciência, mas ao contrário dos romances literários, a história nos serve como 'romance real'. "Como o romance, a história seleciona,

simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página, e essa síntese da narrativa é tão espontânea quanto a nossa memória, quando evocamos os dez últimos anos que vivemos” (VEYNE apud MOREIRA, 2018, p. 267). Nesse panorama, os fatos históricos estão interligados, e mais uma vez a necessidade do historiador para conduzir a história com aquilo que Veyne chamou de trama.

Para Hayden White, tanto as narrativas literárias como as narrativas históricas possuem formas únicas de estruturas do enredo, conceito conhecido como ‘urdidura do enredo’, a partir do momento que o profissional da história torna os fatos em estórias (WHITE apud MOREIRA, 2018 p. 277). O legado de White está na sugestão que faz aos pesquisadores para assumirem as narrativas históricas como um misto de realidade e ficção.

Análise das Entrevistas

Estamos vivendo um momento ímpar na História do nosso tempo: a pandemia do Novo Coronavírus que assolou o cotidiano do mundo, trazendo o isolamento social que acontece desde março de 2020. As pessoas foram orientadas a não sair de suas casas, para evitar a aglomeração e, a conseqüente contaminação pelo vírus. Também foram tomadas várias medidas de segurança, redobrando a prevenção. Assim sendo, os encontros não puderam acontecer presencialmente. Da mesma forma, a visita aos lugares de convivência se tornou inviável. As entrevistas foram feitas a partir de formulários com perguntas abertas e fechadas, por meio de aplicativos, à distância e online, com 26 pessoas, na faixa etária entre 18 e 50 anos. Dentre eles, 20 são gays, 03 bissexuais, 01 transexual, 01 pansexual e gênero fluído e 01 queer. Dos envolvidos, 17 consideram-se brancos, 05 identificaram-se como pardos, 03 como pretos e 01 que não se identifica com nenhuma etnia ou raça.

Percebemos que o nome social quase não é usado pelos homens gays, somente Almeida o utiliza em festas e eventos. Oliveira (homem trans) declarou que o seu nome social, já está no registro de identidade. Os entrevistados vivem nas cidades de Volta Redonda e Barra Mansa.

Em relação aos procedimentos médicos utilizados para mudanças do corpo, Oliveira que é um homem transexual alegou ter utilizado os hormônios Durateston e Deposteron, para que seus traços femininos sejam transformados em masculinos.

Seabra afirmou ter feito procedimento médico estético, o uso do Botox para preenchimento facial. Já Teixeira respondeu que só realizou procedimentos médicos por questões de saúde. Andrade relatou ter utilizado o hormônio Oxandrolona para o aumento de massa muscular.

Com relação ao grau de escolaridade, 01 é Doutor em História, 03 possuem o Ensino Superior completo, e 16 entrevistados estão cursando o Ensino Superior. Um dos participantes tem o Ensino Técnico completo, 03 com Ensino Médio completo, 01 cursando o Ensino Médio e 01 concluiu o Ensino Fundamental. Dos participantes da pesquisa, 12 estão trabalhando. Segundo eles, a orientação sexual não foi um empecilho para a inserção no mercado de trabalho. Onze entrevistados informaram que estão em processo de formação (Ensino Médio e Ensino Superior), sendo que 01 além de estudar está trabalhando e 02 estão desempregados. No que se refere ao padrão de beleza, apenas 01 dos participantes alegou a inexistência do padrão dentro do meio LGBTQIA+. Os outros 25 afirmaram que, por vivermos em uma sociedade conservadora, existem normas estéticas (pessoas de pele branca, corpo atlético e/ou magro).

Constatamos que grande parte dos entrevistados possuem boas condições econômicas, e que só conseguimos dar prosseguimento a pesquisa porque o acesso à internet foi possível. Apesar de a tecnologia nos possibilitar o contato com outras pessoas à distância, ela tornou-se um problema, na medida em que os mais pobres não têm acesso à internet, ou a aparelhos digitais, ressaltando as profundas desigualdades sociais e econômicas em nosso país.

Considerações Finais

Nos últimos anos, muito se tem discutido sobre a desconstrução do padrão heteronormativo da masculinidade e, até mesmo, sobre a construção da homossexualidade. Será que o novo homem estaria em crise porque não teria encontrado modelos identitários hegemônicos para descrever sua nova condição masculina? Ou será que os reflexos dessa crise se devem à maior participação das mulheres no campo do trabalho? Por outro lado, podemos conceber o avanço da tecnologia no campo da sexualidade? Ou devemos conceber a pluralidade de papéis e identidades sexuais? Devemos conceber uma maior preocupação com o corpo bonito e com a estética do corpo cada vez mais desenvolvida? Podemos tentar manter e sustentar um modelo hegemônico único no papel masculino?

O fato é que, por mais que queiramos encontrar respostas, a masculinidade heteronormativa vem sofrendo fortes impactos. Ainda que as novas masculinidades (LGBTQIA+) sejam muito mais valorizadas atualmente, ainda se percebe um tratamento desigual, na tentativa de inferiorizá-las através do preconceito e da discriminação. Embora esse assunto tenha se tornado objeto de diálogo e de debate promovidos pelos meios de comunicação, pelas redes sociais, pela mídia televisiva e nos meios acadêmicos, ainda existe um longo caminho a ser percorrido. Considerando que as subjetividades dessas pessoas são relativas, dinâmicas e bastante diferentes, vale ressaltar o caráter humanizante e humanitário de que se reveste essa discussão. São pessoas, são seres humanos com sonhos e desejos, e as experiências relatadas nas entrevistas nos ajudaram a entender as particularidades das suas identidades.

Michel Foucault discordava de que todos os homossexuais tivessem um “único modelo de vida”. “Notadamente, via com preocupação o consumo, o mercado, o potencial conjunto de consumidores da chamada comunidade homossexual. Ele considerava ser essa uma armadilha, em que o capitalismo sairia vencedor” (ALBUQUERQUE-JR, 2014, p. 10).

A pós-modernidade interferiu nas novas formas de viver da sociedade e, conseqüentemente, interferiu na vida cotidiana, familiar, política e cultural de cada um. A maioria dos entrevistados afirmou fazer uso de hormônios. Outros relatam a intervenção em seus corpos por meio de procedimentos médicos; o desejo de se enquadrar em um padrão social vigente faz parte de suas vidas. Por isso buscam estéticas que entendem como as ideais para os seus corpos.

É evidente que no período da pandemia do Novo coronavírus, as limitações encontradas no trabalho foram diversas. Embora a escolha não tenha sido possível, procuramos entrevistar pessoas amigas e os amigos dos amigos. Da mesma forma, o acesso às fontes bibliográficas foi somente por via internet, bem como a realização dessas entrevistas. A maior dificuldade observada esteve justamente naquela “suposta seletividade social”, pois, pessoas que não tinham condições de acesso (aos bens materiais), não puderam responder à pesquisa.

Apesar do esforço despendido nessa tarefa, existe uma lacuna imensa que pode (e deve) ser preenchida por pesquisas que venham a se lançar nesse tema.

Referências

ALBUQUERQUE-JR. Durval Muniz de. O descarado, a cara-metade, o rosto: Michel Foucault e a análise de discurso do movimento homossexual. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO: v. 1, n. 1, p. 1-20, 2014.

_____. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru/São Paulo. Edusc, 2007. 254 p. p. 53 - 65.

BONÁCIO, Daiany. Representações da masculinidade em crise: legados pós-modernos. In: TASSO, I., NAVARRO, P. (orgs). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas** [online]. Maringá: Eduem, 2012. p. 231-258. ISBN 978-85-7628-583-0.

DIETER, Cristina Ternes. As raízes históricas da homossexualidade, os avanços no campo jurídico e o prisma constitucional. Disponível em: https://ibdfam.org.br/_img/artigos/As%20ra%C3%ADzes%20hist%C3%B3ricas%2012_04_2012.pdf. Acesso em 20/08/2020.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade** 1. A vontade de saber. 13. ed., Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 5. ed., Rio de Janeiro: FGV, 2002.

MADLENER, Francis; DINIS, Nilson Fernandes. A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana. **Revista do Departamento de Psicologia**. v.19, n.1, p. 49-60, Rio de Janeiro, jan./jun. 2007.

MOREIRA, Julierme. Paul Veyne e Hayden White: duas visões acerca da narrativa histórica. **AEDOS: Revista do corpo discente do PPG/UFRGS**. Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 263-84, Ago/2018.

REINKE, Carlos Augusto et al. Homossexualidade masculina e suas marcas históricas. **MÉTIS: história & cultura**, v. 16, n. 31, Caxias do Sul, jan./jun. 2017.

REIS, Toni. **MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTQIA / Gay Latino, 2018. p. 21-69.